

Grafite: arte urbana, arte da rua

Graffiti: urban art, street art

ERNANDES ZANON PPGA-UFES / FAPES

O presente artigo tem por objetivo discutir o grafite como autêntica manifestação da arte urbana, contextualizando historicamente seu surgimento em nível mundial, no Brasil e na Universidade Federal do Espírito Santo, e usado como uma maneira de protesto político e ato transgressor. O grafite será abordado como prática política dentro de uma comunidade como produção artística e reflexão do espaço urbano, a partir da realização do Festival Original Graffiti Espírito Santo – Origraffes.

Palavras-chave: Grafite, pichação, arte urbana, borda, Origraffes

This article aims to discuss graphite as an authentic manifestation of urban art, historically contextualizing its emergence worldwide, in Brazil and the Federal University of Espírito Santo, and used as a way of political protest and transgressive act. The graffiti will be approached as a political practice within a community as an artistic production and reflection of the urban space, starting from the Original Graffiti Festival Espírito Santo – Origraffes.

Keywords: graffiti, urban art, border, Origraffes

Introdução

Inicialmente como manifestação de rebeldia e da expressão nas ruas por meio textual, símbolos e desenhos, o grafite e a pichação se confundem em sua origem, e tornando-se quando se espalham pelo mundo, inseparáveis em seus motivos e expressões.



Figura 1 Pichação de grupos políticos, em São Paulo, nos anos 1960. Fonte: <https://grafitearte.wordpress.com/historia-do-grafite/>

O termo “grafite”, em português, já foi uma expressão utilizada para se falar de forma genérica sobre as inscrições urbanas. Ao longo de décadas, com a emergência da arte de rua ou urbana, apareceram termos que distinguem e que falam sobre abordagens e técnicas diversas. Grafite e pichação, no Brasil, são os mais usados, mas existem outros termos como *tag*, *throw-up*, estêncil e lambe-lambe.

A pichação é uma característica e um conceito brasileiro, que designa as inscrições urbanas com letras estilizadas e personalizadas, com poucas cores e de rápida execução e reprodução, focado no ato transgressor e marginal de protesto e de identificação. A pichação, tem forte referência em São Paulo, onde o termo pixo com “x” é uma característica local.

A pichação foge de qualquer forma de controle e recusa a institucionalização, impondo-se como uma resistência às imposições estéticas, atacando também frontalmente a propriedade privada, assim como as instituições do estado, inclusive suas representações artísticas patrimoniais materiais.

A pichação no Brasil tem forte traço político, sendo a luta contra a ditadura que começou na década de 60, um marco da manifestação com a inscrição “abaixo a ditadura” e onde a pretensão era ideológica e de combate, sem preocupação estética, com objetivo de comunicar.



Figura 2 Grafite na rua em São Paulo/Br. Fonte: <http://suvacodecobrahiphop.blogspot.com/2012/10/a-voz-da-rua.html>

O grafite na cidade

O grafite e a pichação resistem a padronização da estrutura da cidade, suas legislações e divisões, seus espaços impostos de expressão e comunicação, transgredindo toda

a organização urbana, impondo-se na paisagem como intervenções artísticas urbanas, e como uma forma de aproximar essas manifestações das pessoas que transitam pelas ruas. O grafite hoje já visto e conceituado como arte contemporânea, faz com que boa parte da população das cidades que não frequenta espaços expositivos tenha contato com expressões artísticas e artistas, do próprio local ou de outros lugares. Essas manifestações também ocupam um espaço visual provocando um estranhamento inusitado para o observador, que é surpreendido com um jogo comunicacional e fazendo com que ele se questione cotidianamente com o que está vendo ou acontecendo, já que muitos grafites e pichações relatam ou retratam o que acontece no mundo globalizado de hoje, numa sintonia signica mundial

O grafite em seu processo de desenvolvimento e ocupação artística tem se inserido no rol da chamada arte urbana e tangencia o espectro da arte pública, podendo ser financiado pelo Estado, por instituições ou pelo setor privado, mas, também, tendo como característica principal a efemeridade e a não permissão para sua realização. Ou seja, ele é essencialmente infrator, quando não se enquadra na chamada arte pública. Já arte urbana é uma manifestação de rua, com livre acesso, onde os artistas urbanos expressam ideias e estilos muitas vezes anonimamente e ilegalmente, ou seja, sem permissão, inserindo-se em meio aos outdoors, placas e painéis publicitários, provocando curiosidade e controvérsia de quem olha e se intriga com aquilo.

Por ser gratuita, a arte urbana se projeta com características distintas sendo uma das principais a de renegar o sistema artístico formado por museus e galerias, bem como as formas e suportes tradicionais da arte, tendo as paredes e muros na rua como seu suporte de expressão artística, aberta a interferências e amplamente democrático. Teve um grande impulso na segunda metade do século XX, com artistas que realizaram intervenções

urbanas adotando técnicas diferenciadas, contribuindo assim para que o grafite se propagasse pelo mundo.

De acordo com Silva-e-Silva (2008), as primeiras manifestações do grafite foram em uma rebelião política nas ruas de Paris em 1968:

A referida explosão mundial desta manifestação cultural ocorreu em 1968 e teve como epicentro a França. Um dispositivo simbólico que naquele momento histórico - Paris de maio de 1968 foi manipulado pela massa popular constituída, majoritariamente, por estudantes e trabalhadores revoltados e revoltosos com a situação socioeconômica da França (Silva-e-Silva, 2008 p.216).

Porém, conforme Drumond (2012), em Nova York na década de 70, nas ruas degradadas do Harlem em confronto com a elite da Broadway, lado a lado, surge essa expressão gráfica mostrando que essa realidade marginal estava ali, coexistindo num mesmo lugar. Surgido como um movimento



Figura 3 Grafite no metrô de Nova Iorque, década de 1970. Fonte: <http://www.hoya.com.br/blog/nova-york-dos-anos-70-e-80/>

considerado “ilícito” por muitos, encabeçado por adolescentes que deixavam sua marca em vagões de metrô e fachadas de prédios, o grafite explodiu em Nova York nos anos 1970.

Nova York é ainda hoje é uma referência mundial de cultura urbana, com intervenções criativas que influenciam o resto do mundo. Nos anos 1970 a cidade era tomada pelo grafite caótico, nem sempre ao ar livre, pelos estilos excêntricos e até pelo crime e violência.

Esse movimento juvenil de gangues foi uma explosão de revolta, invadindo as ruas e expondo o descaso aos problemas sociais e revelando um outro lado da cidade de Nova Iorque, negando seu sistema urbano organizado e planejado. E foi assim que os desenhos em metrôs se disseminaram pelo mundo, dando ainda mais fama para a cidade.

Décadas depois, o grafite saiu do seu gueto, o metrô e as ruas, foi para as galerias e museus de arte, incorporando-se em coleções privadas e decorando com seus rabiscos e signos os mais variados objetos de consumo, como cadernos, mochilas, tênis e canecas. A maioria das obras da época não sobreviveu, especialmente depois de uma campanha da prefeitura para “limpar” a cidade, no fim dos anos 1980.

Um dos grafiteiros mais famosos deste período foi Jean Michel Basquiat, nascido no Haiti. Grafitava as paredes e muros de Nova York com ícones da cultura e consumo americanos e signos representando variadas culturas. Seus grafites refletiam suas preocupações, com a opressão e o racismo. Com 21 anos participou da sua primeira coletiva em Nova York, com o apoio de Andy Warhol, e a partir daí virou celebridade revelado pela grande mídia norte-americana. Morreu prematuramente em virtude de depressão e drogas.

O grafite no Brasil

No Brasil, a partir da segunda metade dos anos de 1970, surgem vários artistas intervindo nas ruas usando a técnica do grafite e do estêncil, com frases e imagens inspiradas na vida nas histórias em quadrinhos, em referência a Arte Pop. O coletivo 3nós3, se destacou na época, misturando instalações efêmeras produzidas com material industrial com grafite, intervindo na paisagem urbana de São Paulo. O artista Alex Vallauri, no final dos anos de 1970, se destacou trabalhando com a técnica do estêncil, e começou a se popularizar com a imagem de uma bota que ele pintava com tinta preta em vários locais da cidade de São Paulo. Utilizando essa imagem e com outras que ele desenvolveu depois, Vallauri criou uma curiosidade nas pessoas que transitavam nos locais onde as imagens eram grafitadas, chamando inclusive a atenção da imprensa que passou a divulgar suas ações de grafitagem. Com isso, seu trabalho de intervenção foi reconhecido pelo sistema artístico, indo para 02 bienais de arte, disseminando o estêncil como uma técnica de grafite.

O coletivo de grafiteiros TupiNãoDá, também foi importante para difundir o grafite no Brasil. O coletivo teve grande atividade nos anos de 1980 desmistificando os símbolos culturais e a propaganda que ocupava as

ruas, ou intervindo em fachadas deterioradas de prédios abandonados na cidade de São Paulo.

O grafite na Ufes

O grafite foi o detonador de uma ruptura cultural e educacional ocorrida na Universidade Federal do Espírito Santo, a partir da primeira metade da década de 1980, com o movimento Balão Mágico. Atuando em diversas frentes com performance, pichação, *happening*, rádios livres, vídeo, teatro e dança, utilizando as linguagens artísticas como ativismos em atitudes comportamentais de desobediência ao estabelecido, o movimento buscava questionar toda uma postura conservadora da produção artística, da universidade e da sociedade capixaba, em plena abertura política.

O Balão Mágico era um movimento anárquico e fora dos padrões formais de organização das entidades representativas de estudantes da Ufes, formado por estudantes de Comunicação Social e Artes fazia pichações, para reivindicar melhorias na estrutura física, no ensino, pela democratização da universidade, questionar e propor novas linguagens artísticas e debater temas

que geravam e geram muita polêmica até hoje. O choque no conservadorismo dominante na universidade foi brutal.

O hoje professor de Estética da Ufes, na época estudante e participante do Balão Mágico, Cleber Carminati relembra

com o processo de abertura nós começamos a ter mais acesso a informações de organizações e movimentos de autogestão. A gente via um processo de transição entre um regime autoritário e um regime democrático; a gente não era uma organização que tinha hierarquia, era uma autogestão, uma organização em cima de um projeto cultural.

O grafite, na época expresso como pichação, fugia do conceito tradicional estético e chocava a visão e o comportamento asséptico da universidade, que cultivava o belo como ideal estético, por isto o movimento era tratado como uma coisa feia e suja.



Figura 4 Alex Vallauri (1949 - 1987) grafite. "A Rainha do Frango Assado", 1985. Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/>



Figura 5 Grafite do Balão Mágico no Centro de Artes da Ufes/1984. Fonte: <http://universo.ufes.br/blog/2013/12/serie-memorias-balao-magico/>

O grafite na borda

A borda se coloca como área periférica em relação ao centro, local da cidade de proliferação de grupos e manifestações artísticas diversas, produzidas pela mistura de referências culturais regionais das mais diversas origens, influenciando os processos artísticos contemporâneos. O grafite talvez seja uma das expressões mais marcantes desse movimento, desmascarando a falsa ideia de um hibridismo cultural como elemento democratizante e equalizador das diferenças sociais, propiciando um florescimento de práticas culturais ligadas ao segmento jovem, em sintonia mundial, mas com características locais.

A borda na configuração da cultura contemporânea aparece como uma relação contraditória, que envolve diversidade, transgressão, autoafirmação e expressão, que não apenas passa a ser percebida pela cultura preponderante, como passa a ser consumida na cidade.

Um exemplo dessa configuração, e já consolidado como arte urbana, o Festival Original Graffiti Espírito Santo - Origraffes, realizado em julho de 2018, no bairro Feu Rosa, na Serra/ES, reuniu mais de 140 artistas de 15

estados, num encontro que reuniu artistas urbanos locais e nacionais, com intuito de realizar pinturas colaborativas. O projeto, que surgiu em 2016 com o objetivo de movimentar a cena da arte urbana capixaba, chegou à sua terceira edição este ano.

De acordo com Starley Bonfim Silva, morador do bairro, um dos idealizadores do festival e que atua também como curador, o campo para o grafite no Estado é vasto e tem muito potencial. “Hoje, já temos muitas iniciativas, por meio de projetos sociais, com oficinas, cursos e encontros, que são muito importantes para fomentar a arte. Quem chegou nos anos 1980 teve que abrir muitas portas. Hoje, o grafite já está consolidado como arte contemporânea”, afirma.

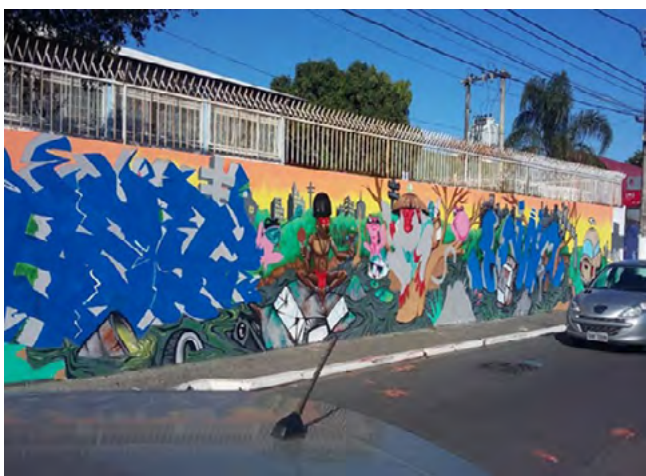


Figura 6 Grafites no bairro Feu Rosa – Origraffes 2018. Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=origraffes+grafites&rlz>

Starley, recentemente, fez a curadoria da exposição “UJUZI”, no Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”, cuja proposta era promover um resgate da tradição de comunicação imagética africana através de linguagens atuais como o mapping, artes plásticas e grafite.

Ainda de acordo com Starley, a presença dos grafiteiros de todo país no festival proporciona uma interação coletiva. “É uma troca de experiências entre artistas de diversos seguimentos na criação de murais coletivos., fazendo grafites, ao vivo, para apreciação da galera”, enfatiza.

O festival estabelece uma linha curatorial ainda incipiente, sem critérios estabelecidos e programáticos. É uma primeira experiência em nível organizativo, propondo um percurso pelo bairro, tendo a Praça Central, com os paredões do ginásio poliesportivo e os muros das duas escolas de entorno como centro irradiador, sendo que toda ação do evento ocorre dentro de uma comunidade como produção artística e reflexão do espaço urbano. Os grafites representam temas diversas, já que não havia uma linha temática estabelecida.

O Origraffes, inicialmente, deve ser entendido como um movimento de contínua mudança do espaço da cidade onde está inserido, com sua desigualdade social, seus espaços abandonados, sua periferia marginal, que mostra que a cidade se forma muito além dos espaços de planejamento urbano. Apropriando-se do grafite, essa periferia marginal faz um grito de resistência a esse abandono, a essa falta de sensibilidade para olhar para esses espaços, não vazios, mas cheios de arte e artistas. Posando de ousado, o festival, praticamente realizado com recursos financeiros e materiais mínimos, se consolida como o mais importante e maior evento de cultura urbana do estado e do país.

Considerações finais

Inicialmente um gesto de rebeldia e expressão das ruas através de símbolos, desenhos, marcas e palavras, originalmente o grafite e a pichação se confundem, e se tornam inconfundíveis em seus atos e expressões.

Como legítima arte da rua, o grafite estabelece um diálogo em entre rua e pessoas, ocorre verdadeiramente como uma forma de pertencimento do lugar, que estampa o que a segregação da sociedade esconde atrás de seus muros.

Nos anos 1960, o grafite ficou bastante popular na revolta de 1968 em Paris, e no combate à ditadura que se inicia no Brasil, sendo usado como pichação para imprimir palavras de ordem e protesto nos muros da cidade. No ano seguinte, as latinhas de spray começaram a dominar as ruas de Nova York, para uma outra função bem diferente: demarcar territórios de gangues que traficavam drogas.

Na Nova York dos anos 70, nascia a arte do grafite. Uma arte nascida nas bordas da cidade, como um movimento cultural. Desde então, uma batalha vem sendo travada nas grandes cidades: tratar os murais de grafite como arte ou como vandalismo?

O grafite, hoje, é, sobretudo, uma produção que pulsa uma vivacidade, tomando e inventando espaços e percursos fora do estabelecido, criando um ambiente de artístico, político e até crítico, estremecendo e confrontando num movimento de enfrentamento, de transformação social. É um gesto que busca experiências práticas e reflexivas que provocam e instigam o outro a se libertar.

O Origraffes nos leva a uma reflexão sobre os muros, a cidade e as pessoas, e traz um território diverso e extenso para análises e reflexões, e esse artigo utilizou-se desse espaço para analisar a arte urbana mediada pelo grafite, sua ressignificação dos lugares, a requalificação e reflexão das pessoas sobre o seu pertencer ao lugar, ao seu grupo e ao estar no coletivo.

Referências

- DRUMOND, B. Revista Retrós. Fumec, 24 de junho de 2012. Acesso em 25 de julho de 2018. Disponível em: <http://revistaretrosfumec.blogspot.com.br/2012/06/breve-historia-sobre-o-surgimento-do.html>
- GEHL, J. **Cidade para pessoas**. Tradução Anita Di Marco. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA-E-SILVA, Willian da. **A Trajetória do graffiti mundial**. Acesso em 24 de julho de 2018. Disponível em: Revista Ohun: http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/Wiliam_Silva.pdf, 2008.
- COMÉRIO, Letícia. **Série Memórias: Balão Mágico**. Universo Ufes Reporter. 16 de dezembro de 2013. Acesso em 24 de julho de 2018. Disponível em: <http://universo.ufes.br/blog/2013/12/serie-memorias-balao-magico/>.

POET ICAS ES2018

Seminário Ibero-americano sobre
o processo de criação nas artes
Vitória, dezembro de 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Reinaldo Centoducatti

REITOR

Ethel Leonor Noia Maciel

VICE-REITORA

Zenolia Christina Campos Figueiredo

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Neyval Costa Reis Junior

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Angélica Espinosa Barbosa Miranda

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Teresa Cristina Janes Carneiro

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Anilton Salles Garcia

PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Cleison Fae

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Gelson Junquilha

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E CIDADANIA

CONSELHO CIENTÍFICO

Aparecido José Cirillo (UFES); Ângela Grando Bezerra, (UFES); Ricardo Maurício Gonzaga (UFES); Almerinda Lopes (UFES); João Wesley de Souza (UFES); David Ruiz Torres (Univ. Granada – UFES); Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira (UFF); Cesar Floriano dos Santos (UFSC); Cecília Almeida Salles (PUC-SP); Isabel Maria Sabino Correia (Universidade de Lisboa); Luís Jorge Gonçalves (universidade de Lisboa); Teresa Fernanda Gil (Univ. Granada); Pilar M. Soto Solier (Univ. de Granada); Diana Ribas, (Univ Baia Blanca)

ORGANIZAÇÃO

José Cirillo
Marcela Belo
Ângela Grando

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Thais Imbroisi
(BETHA design studio)

FOTO CAPA:

Boca do Inferno, Cascais, Portugal

EDITORA PROEX/UFES

Av. Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras
CEP 29.075-910, Vitória-ES
Telefones: (27) 4009-2961 (27) 4009-2778
www.proex.ufes.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

A786 Arte em tempos de crise [recurso eletrônico] : olhares sobre o processo de criação (Atas do Seminário Ibero-americano Poéticas da Criação, ES 2018) / José Cirillo, Marcela Belo, Ângela Grando, organizadores. - Dados eletrônicos. - 1. ed. - Vitória, ES : UFES, Proex, 2018. 608 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-65276-52-8

Modo de acesso: <<http://poeticasdacriacao.blogspot.com>>

1. Criação na arte. 2. Arte moderna - Aspectos sociais. 3. Arte e tecnologia. 4. Arte pública. 5. Artes visuais. I. Cirillo, José, 1964-. II Gonçalves, Marcela Belo, 1982. III. Grando, Ângela, 1950-. -.

CDU: 7.01

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, inciso III.



ProEx
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



FAPES
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESPÍRITO SANTO